

## Preconceito lingüístico

Flávia Dutra de Freitas-Giovana Mello de Souza & Scheila Taísa Cobalchini©

### Abstract\*

The following article is the critical reading of the work *Preconceito lingüístico: O que é, como se faz*, by Marcos Bagno, 1999, which approaches linguistic prejudices that are notice in society. Through sociolinguistics, one can have a different view of the linguistic facts which are not those of normative grammar.

### Resumo

Este artigo é a leitura crítica da obra *Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz*, de Marcos Bagno, de 1999, a qual aborda preconceitos lingüísticos que percebemos na sociedade. Através da Sociolingüística, podemos ter uma outra visão dos fatos lingüísticos que não aquela da gramática normativa.

### Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido para avaliação final da disciplina de Visão Crítica do Português Atual. Faremos uma breve análise do livro *Preconceito Lingüístico - o que é, como se faz*, de Marcos Bagno<sup>1</sup>. O autor, na obra, faz uma diferenciação entre língua e gramática normativa, citando exemplos e comparações para melhor ilustrar suas idéias.

A respeito do preconceito lingüístico presente na cultura brasileira, Bagno apresenta oito mitos, que são:

1. "A língua portuguesa falada no

Brasil apresenta uma unidade surpreendente".

2. "Brasileiro não sabe português / só em Portugal se fala bem português".
3. "Português é muito difícil".
4. "As pessoas sem instrução falam tudo errado".
5. "O lugar onde melhor se fala português no Brasil é no Maranhão".
6. "O certo é falar assim porque se escreve assim".
7. "É preciso saber gramática para falar e escrever bem".
8. "O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social".

### Preconceito lingüístico

Hoje, existe uma forte tendência a desmitificar os preconceitos que se formaram em relação à língua portuguesa. Todavia, coexiste ainda o preconceito lingüístico que o brasileiro tem a respeito de si mesmo e da língua que fala, conforme reconhece Bagno (1999:13):

(...) o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornais e revistas, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é certo e o que é errado, sem o ensino da língua.

\* Acadêmicas do 8º semestre do Curso de Letras (la UFSM).

<sup>1</sup> BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz*. Porto Alegre.: Ed. Loyola, 1999.

Para o escritor, a concepção de que há unidade lingüística no Brasil significa não reconhecer a diversidade que há no português falado. Assim, a escola impõe as normas lingüísticas a todos os brasileiros, sem considerar a idade, a origem geográfica, a situação sócio-econômica, o grau de escolarização dos alunos e a situação de uso da língua (Id. ib.:16):

*(...) esse português apresenta um alto grau de diversidade, não só por causa de trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo.*

Se acreditarmos que, no Brasil, existe uma língua única, somos, então, obrigados a reconhecer que as pessoas sem acesso à norma culta terão de ser chamadas de *sem-língua*. Então, como explicar o fato de que essas pessoas falam e que são entendidas? Bagno (1999:16) reconhece que

*É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprezada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português padrão (...).*

Para resolver esse problema, é preciso que a escola e a cultura abandonem a idéia de que há unidade lingüística no português do Brasil e reconheçam a diversidade lingüística em nosso país. Assim, o ensino formal poderá planejar melhor suas políticas de ação junto à população de falantes das variedades não-padrão.

Outro problema é o preconceito de que não sabemos português. A idéia de que só em Portugal se fala bem é reflexo da colonização, pois ainda temos um sentimento de dependência de um país mais *civilizado*, de primeiro mundo. Essa idéia é transmitida, ao longo do tempo, através do ensino tradicional da gramática na escola, embora constatemos que a língua falada no Brasil tem regras de funcionamento que, cada vez mais, se distanciam da gramática da língua falada em Portugal. É, por isso, que enfrentamos problemas na escola, pois o ensino tradicional continua com os olhos voltados para a norma lingüística adotada em Portugal. Nesse sentido, podemos afirmar que nem o português de Portugal nem o do Brasil é mais certo ou mais errado. São apenas diferentes e atendem às necessidades das comunidades dos falantes, como enfatiza Bagno (1999:23):

*O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal.*

As regras que aprendemos na escola, em boa parte, não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil, pois o ensino sempre se baseou na norma gramatical provinda de Portugal. Por isso, consideramos o português uma língua difícil. Essa idéia provavelmente mudaria, se o ensino do português abordasse também o uso real do idioma falado no Brasil, como argumenta o autor (ib.:36):

*Se tanta gente continua a repetir que português é difícil é porque o ensino tradicional da língua no Brasil não leva em conta o uso brasileiro do português.*

Qualquer manifestação lingüística que escape do triângulo escola-gramática-dicionário é considerada errada, e condenada. Por isso, as pessoas que utilizam a linguagem não-padrão são desprestigiadas socialmente. Assim

*Do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões (Id. ib. 43).*

A idéia de que os indivíduos sem instrução falam errado é totalmente preconceituosa, porque devemos levar em conta a pessoa que fala essa língua e a região geográfica em que ela vive, uma vez que nenhuma variedade lingüística é mais correta que outra, como o autor afirma

*Toda variedade lingüística atende às necessidades de seres humanos que a empregam (ib. 47).*

Se incentivarmos o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo como fonte de preconceito. Temos de levar em consideração a presença das variantes lingüísticas, inclusive a culta, porque

*O que acontece é que em toda a língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico (Id. ib. 52).*

Todavia, existe, infelizmente, uma

tendência muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a falar do jeito que escrevemos, como se essa fosse a única maneira certa. Claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não podemos fazer isso, tomando a língua falada artificial, ou reprovando as pronúncias naturais. A esse respeito, enfatiza o autor

*Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer bonito ou feio, mas que só pode escrever bonito, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, lembrar que ela funciona como a partitura de uma música (ib. 53).*

A relação entre língua falada e língua escrita precisa ser reexaminada no ensino; a língua falada é a língua tal como foi aprendida pelo falante em seu contato com a família e com a comunidade nos primeiros anos de vida. A língua escrita é totalmente artificial, pois exige memorização, obedece a normas fixas, além de não ser uma representação da língua falada.

O ensino tradicional postula que as pessoas devem falar tendo como parâmetros os grandes escritores consagrados, desconsiderando os fenômenos da língua oral. Reconhece, na língua literária, a forma legítima de falar e escrever corretamente.

Como a gramática é instrumento de poder e de controle, os falantes e escritores de língua precisam dela para ter prestígio. Por isso, a língua falada tornou-se tão subordinada à gramática, que as pessoas acreditam que saber as regras gramaticais é fundamental para falar e escrever bem. Mas sabemos que não é a gramática normativa que garantirá a existência de um padrão lingüístico uniforme.

Também temos que deixar para trás o preconceito de que, para ascender socialmente, é preciso ter o domínio da norma culta. De nada adiantará dominar a norma culta e não ter onde morar ou não ter o que vestir. Ninguém irá ascender socialmente dessa maneira. É preciso que a educação chegue ao alcance de todos e de maneira não preconceituosa, para que possam se expressar com liberdade. Para o autor

*Achar que basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela suba na vida é o mesmo que achar que é preciso aumentar o número de policiais na rua e de vagas nas penitenciárias para resolver o problema da violência urbana (ib. 75).*

Todo esse conjunto de preconceitos existentes em nossa sociedade, formam um círculo vicioso oriundo do ensino centrado na gramática tradicional, nos métodos tradicionais e nos livros didáticos. Para Bagno, os autores de manuais didáticos recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua.

Apesar de idéias pré-concebidas, muitos professores já não recorrem exclusivamente à gramática normativa como fonte única de explicações para os fenômenos lingüísticos. Por outro lado, muitos, ainda, acreditam que a norma culta é que deve constituir o único objeto de ensino/aprendizagem em sala de aula.

## Conclusão

O problema está no fato de a norma culta ser usada por poucas pessoas no Brasil, por razões de ordem política, econômica, social e cultural. A esse respeito, podemos identificar três problemas básicos: o primeiro é a quantidade de analfabetos existentes neste país; o segundo são as razões históricas e culturais, pois as pessoas alfabetizadas, na maioria das vezes, não desenvolvem suas habilidades lingüísticas exclusivamente no nível da norma culta; e o terceiro é relativo à norma culta ser um ideal lingüístico inspirado no português de Portugal, na estilística dos escritores do passado, nas regras sintáticas mais próximas dos modelos da gramática latina.

Para resolver esses problemas, segundo Bagno (1999: 100) é preciso separar o ideal do real. É necessário empreender a identificação e a descrição da verdadeira língua falada e escrita pelas classes cultas do Brasil.

Enquanto essa prática não chega, temos que combater o preconceito lingüístico com uma mudança de atitude. Precisamos elevar nossa auto-estima lingüística, deixar de acreditar que brasileiro não sabe português, que fala errado e deixar de lado as afirmações autoritárias, intolerantes e preconceituosas.

Outro modo de romper com o círculo vicioso do preconceito lingüístico, segundo Bagno, é reavaliar a noção de erro. Não podemos mais aceitar a idéia de que erros de ortografia sejam erros de português, pois

---

(...) existe, no nível da língua escrita, a confusão entre português e ortografia oficial da língua portuguesa (ib.:125).

Não estamos afirmando que, em termos de língua, vale tudo. Devemos mostrar ao aluno que existem variedades lingüísticas e que elas devem ser usadas conforme a situação, o ambiente, o momento em que ocorre a interação comunicativa. Há situações em que só cabe o uso da língua padrão escrita, outras que cabem outras modalidades, como reconhece o autor.

O professor precisa, por isso, estar sempre se informando, fazendo crítica ativa a sua prática em sala de aula e mostrar que todas as ciências evoluem, inclusive a linguagem.

### **Referências bibliográficas**

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz*. Porto Alegre: Ed. Loyola, 1999.